

# FÁBULA: UMA FONTE DE MOTIVAÇÃO PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL E LEITURA

Ana Queli Tormes Machado e Edineia Franz

## RESUMO<sup>®</sup>

O contexto social em que estamos inseridos exige que os professores de Língua Portuguesa repensem suas metodologias e conteúdos. Os alunos precisam aprimorar a utilização da língua em atos comunicativos. Se cada gênero tem por finalidade um fazer lingüístico, então a utilização destes em sala de aula é imprescindível. Além de uma breve definição de gênero textual e sua relação com a sociedade, o presente artigo traz abordagens teóricas e práticas de como o gênero fábula pode contribuir para a motivação dos educandos na produção textual e leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero textual, fábula, sala de aula.

## INTRODUÇÃO

A teoria dos gêneros textuais foi definida inicialmente por Bakhtin (1953/1992, p. 282) como um conjunto de enunciados que têm uma certa estabilidade e finalidade. Para o autor a variedade de gêneros é infundável e variável, pois depende das atividades humanas que se realizam com, ou por meio da linguagem. “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (idem, p. 282).

Grandes teóricos retomaram estes pensamentos, ampliando-os inclusive, pois agora se tem a definição dos principais gêneros utilizados nas mais diversas práticas comunicativas. Para Marcuschi (2005), o que mais importa é o ato comunicativo, que se realiza por meio do gênero, e menos as enunciações de atributos dos modelos e estruturas. É certo que todo gênero possui uma estrutura mais ou menos estável, mas são mais pertinentes as características sócio-históricas-comunicativas e funcionais. Toda pessoa que domina a linguagem, já possui internalizado vários gêneros discursivos e estes ajudam-na a determinar uma ação, a direcionar a fala ou leitura, pois ao entrar em contato com o texto o indivíduo já conhece a sua finalidade e pode prever parcialmente, que informação vai receber ou terá que dar.

É importante que se distinga gênero de tipologia textual. Seguindo a linha teórica de Marcuschi (2002), a língua é utilizada para praticar um

ato social e histórico constituindo uma realidade. Todo ato comunicativo se dá por meio de algum gênero, o qual se define, principalmente, por características sócio-comunicativas. Os tipos textuais, por sua vez, são seqüências lingüísticas determinadas, predominantemente, por aspectos sintáticos, lexicais, relações lógicas e tempos verbais. Os gêneros são designados pelo conteúdo, estilo, canal, função e composição, e constituem um conjunto amplo. Já os tipos textuais restringem-se, basicamente, em narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo e injuntivo e são definidos por traços lingüísticos predominantes.

Utiliza-se a linguagem, seja na forma oral ou escrita, para as mais diversas finalidades instituídas como práticas sociais. Não se pode falar ou escrever aleatoriamente, tem-se formas mais ou menos estáveis para cada finalidade comunicativa – os gêneros. Por isso, “[...] a reflexão sobre gênero textual é hoje tão relevante quanto necessária, tendo em vista ser ele tão antigo como a linguagem, já que vem essencialmente envolto em linguagem” (Marcuschi, 2005, p. 17).

## 1. Os gêneros e a sociedade

Pessoas que se destacam na sociedade são, em sua maioria, eficientes em se tratando de comunicação, sabem falar ou escrever adequadamente à cada circunstância, têm domínio sobre gêneros orais e escritos distintos e, conseqüentemente, uma noção preliminar do que vai dizer ou ouvir no discurso em que está inserido.

Segundo Marcuschi (2005, p. 35):

Considerando que os gêneros independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas.

A escola deve possibilitar ao aluno o domínio dos gêneros que não são por ele acessíveis, ou o são de maneira insuficiente. É interessante que o educando tome conhecimento do todo que envolve o texto, ou seja, dos elementos verbais e não verbais, incluindo os aspectos gráficos. Assim ele terá mais

segurança na produção discursiva e mais discernimento como receptor.

Segundo Lopes-Rossi (2002), os objetivos de leitura serão mais específicos quanto maior for o domínio do gênero, o que também facilita um posicionamento crítico em relação ao texto lido. Como a sociedade é bombardeada constantemente por informações as mais diversas, as inferências do texto ajudam a direcionar a leitura a dadas necessidades. O título, subtítulo e representações gráficas já contêm a informação essencial, o corpo do texto vai apenas acrescentar detalhes.

Já como emissor, para fazer um bom discurso, é preciso considerar o público alvo e a quantidade e qualidade das informações oferecidas. O professor de língua materna precisa ser consciente de que trabalhando com os gêneros emergentes na sociedade pode contribuir para despertar o senso crítico e interativo dos alunos.

## 2. O gênero fábula

O vocábulo fábula provém do latim “fabula”, que significa conversação; narração fictícia. Leila Lauar Sarmiento (2003) define fábula como “um gênero textual que transmite um ensinamento e cujos personagens, em geral, são animais personificados. A linguagem pode ser formal ou informal, tendendo as fábulas modernas ao humor”. Fábula também pode ser designada como uma “pequena narrativa em que se aproveita a ficção alegórica para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoa, animais e até entidades inanimadas”. A presença do animal, colocado em uma situação humana e exemplar, além da exposição de um caráter moralista e doutrinário, são características substanciais das fábulas.

É difícil determinar a gênese destas, isso porque as fábulas foram transmitidas inicialmente através da oralidade, o que impossibilita a noção de quem ou quando foram criadas. Dessa forma, notabilizam-se por serem raras formas literárias que, apesar das origens que se perderam no tempo, conseguem resistir até os dias atuais, sem perderem suas características intrínsecas. Consoante a Nelly Novaes Coelho (1988), a literatura para crianças surgiu oficialmente no século XVII, na França, com “*As Fábulas*” (1668), de Jean La Fontaine. Este utilizava suas fábulas com o intuito de delatar as misérias e as injustiças de sua época.

No âmbito brasileiro, temos um eminente fabulista, Monteiro Lobato. Este, além de recontar as fábulas de La Fontaine e Esopo, compôs as suas próprias, como revela seu livro “*Fábulas*” (1922). Na

obra em questão, também criticou os problemas advindos de uma sociedade tirana e injusta.

A estudiosa Vânia Dohme, em obra intitulada de “*Técnicas de Contar Histórias*”, sumariza sua visão acerca de que tipos de valores deveriam ser perpassados por meio do processo educacional, uma vez que estes regem a conduta humana. Em vista disso, menciona que os valores os quais podem ser trabalhados em sala de aula abarcam o amor, a caridade, a justiça, a honestidade, o respeito, a responsabilidade, a prudência... E trabalhar isso a partir das narrativas, especialmente em fábulas, torna-se viável, visto que estas, além de divertidas, são curtas, o que atrai a leitura dos jovens.

## 3. A fábula em sala de aula

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), propõem o trabalho com gêneros textuais em sala de aula como uma forma de aperfeiçoar o aprendizado da língua materna, ou seja, expor a prática social efetuada com os diversos discursos. Para Marcuschi (2002), todo ato comunicativo é efetuado por meio de algum gênero, e a escola precisa enfatizar esta comunicação, evitando forçar o trabalho com textos que só circulam no ambiente desta instituição. Toda pessoa que domina a linguagem, já possui internalizado vários gêneros discursivos, cabe à escola ampliar este número e também o conhecimento dos já adquiridos. A disciplina de Língua Portuguesa precisa ter por finalidade instruir o aluno para que ele saiba utilizar a língua nos mais variados aspectos, o que será mais facilmente atingido se eles conhecerem e souberem utilizar uma gama ampla de gêneros discursivos. Conforme Cristóvão e Nascimento (2004), a definição de gênero pressupõe o emissor e o receptor, o lugar e o momento da produção, sendo também determinado pelo contexto sócio-subjetivo, pressupondo o lugar social e o objetivo do enunciador e do enunciatário. Portanto, o aluno precisa saber para quem escreve, por quê e em que circunstâncias.

O gênero fábula possui uma finalidade comunicativa sendo, em sala de aula, uma oportunidade de trabalhar a escrita e a leitura socialmente contextualizada. O que é também uma fonte de motivação para os educandos, pois ao produzirem suas fábulas o seu texto poderá vir a ser publicado e, conseqüentemente lido por muitas pessoas. Pode haver ainda, um interesse maior, por parte do aluno, na leitura de livros que possuem fábulas. Segundo Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004), faz-se necessário que o professor apresente de maneira clara quais os objetivos a serem alcançados com o trabalho em questão, o aluno precisa, dentre outros conhecimentos e procedimentos, ter em mente

um destinatário visado. O educador deve trabalhar de diversos modos e com variadas produções para que o estudante possa perceber as dificuldades que encontra no gênero e superá-las. Para Mello (2002) no primeiro contato do aluno com o texto é conveniente evitar cópias xerocopiadas, para que ele perceba o gênero como algo autêntico e não como algo preparado apenas para a sala de aula. Posteriormente, o professor pode levar cópias para que todos acompanhem a leitura e, em seguida, solicitar produção escrita. “O conhecimento do agente produtor sobre a sua situação de ação e as representações que faz do gênero o levará a mobilizar recursos que fazem desse texto uma adaptação do gênero modelo” (Nascimento, 2004, p. 171).

Posteriormente ao domínio comunicativo do gênero, o professor pode utilizá-lo para fazer um elo com a gramática utilizando-se das formas verbais ou ortográficas ligadas àquele gênero. Há uma probabilidade de que estes elementos serão mais bem assimilados, uma vez que não estarão sendo trabalhados isoladamente. Os erros mais freqüentes dos alunos podem dar uma base sobre o que ensinar em ortografia, coesão e outros tópicos. Porém, seguindo as linhas teóricas de Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004, p. 117):

A questão da correção ortográfica não deve obscurecer as outras dimensões que entram em jogo na produção textual. [...] Preocupado, sobretudo, com a ortografia, [o aluno] perderá de vista o sentido do trabalho que está realizando, isto é, a redação de um texto que responde a uma tarefa de linguagem.

Enfim, o trabalho com gêneros textuais em sala de aula, contribui para a motivação dos educandos, pois utiliza textos que eles conhecem ou ao menos vêm circulando na esfera social. O gênero fábula além de instigar o interesse dos alunos, pode contribuir para despertar o senso crítico nesses e colaborar para que eles resgatem certos valores (como o amor, a caridade, a justiça, a solidariedade, o respeito, entre tantos outros) “desvalorizados” ou perdidos no tempo. Vivemos em uma sociedade que, infelizmente, está essencialmente marcada pela hipertrofia de valores tangíveis como poder, cargos e salários, em contraposição à atrofia de valores sociais, humanos, dignos por excelência. Nós, como educadores, temos condições para auxiliar na transformação dessa realidade. Ao trabalhar com as crianças valores e princípios, poderemos estar dando o primeiro passo dessa longa jornada.

#### 4. Relato de experiência e análise dos dados e resultados

Este artigo é parte integrante, adaptado do Projeto de Pesquisa PROLICEN “A Pluralidade Sociocultural das Atividades Escolares”, realizado no Curso de Letras Português da Universidade Federal de Santa Maria – RS. O projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual Augusto Rusqui e Colégio Fátima do mesmo município, em turmas de 5ª e 6ª série do ensino fundamental.

Com relação ao trabalho com fábula, num primeiro momento, com o auxílio de transparências e de livros literários para demonstração, foi explicado o que é, quais as finalidades e onde circulam estes textos. Foi comentado a respeito do conteúdo dessa fábula, dando abertura para que os alunos participassem da discussão. Após, foi entregue aos alunos cópias xerocopiadas de uma fábula intitulada “Os porcos espinhos” (em anexo). Houve interesse e intensiva participação e curiosidade, por parte dos alunos por estarem trabalhando com um texto e tema que trata metaforicamente dos prejuízos que são acarretados devido às diferenças intrínsecas de cada pessoa. A partir da leitura da fábula solicitamos aos alunos que refletissem sobre o papel de cada uma diante do meio circundante. Posteriormente, ulterior à leitura propomos um debate no qual cada um expressou qual a mensagem que recebeu através daquela leitura. Lançamos perguntas (para ativarmos uma reação ativa dos jovens) como: O que significam os espinhos?; Você conhece alguém que não tem nenhum “espinho” (defeito)? Você consegue com seus defeitos e os defeitos do seu próximo, em casa, na escola, em grupo, na família conviver em harmonia? No final acreditamos que a oficina foi eminentemente relevante, pois contribuiu para ampliar os horizontes dos educandos e também para promover uma reflexão acerca de como tenho agido na minha vida comunitária.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do projeto, pode-se perceber que o trabalho com gêneros textuais em sala de aula pode auxiliar os professores de Língua Portuguesa a amenizar uma das maiores dificuldades encontradas atualmente, que é a falta de interesse dos alunos. A fábula possibilitou que eles vissem um objetivo para escrever e, dessa forma, tiveram grande empenho, principalmente porque puderam expor suas reflexões a respeito do papel social de cada um diante do meio em que vive. Os estudantes apresentaram, também, interesse pela leitura de outras fábulas.

Enfim, o mais importante, é que o aluno aprenda a fazer uso da linguagem nos seus mais variados aspectos, o trabalho com gêneros textuais permite-lhe experiências com os mais diversos atos de comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

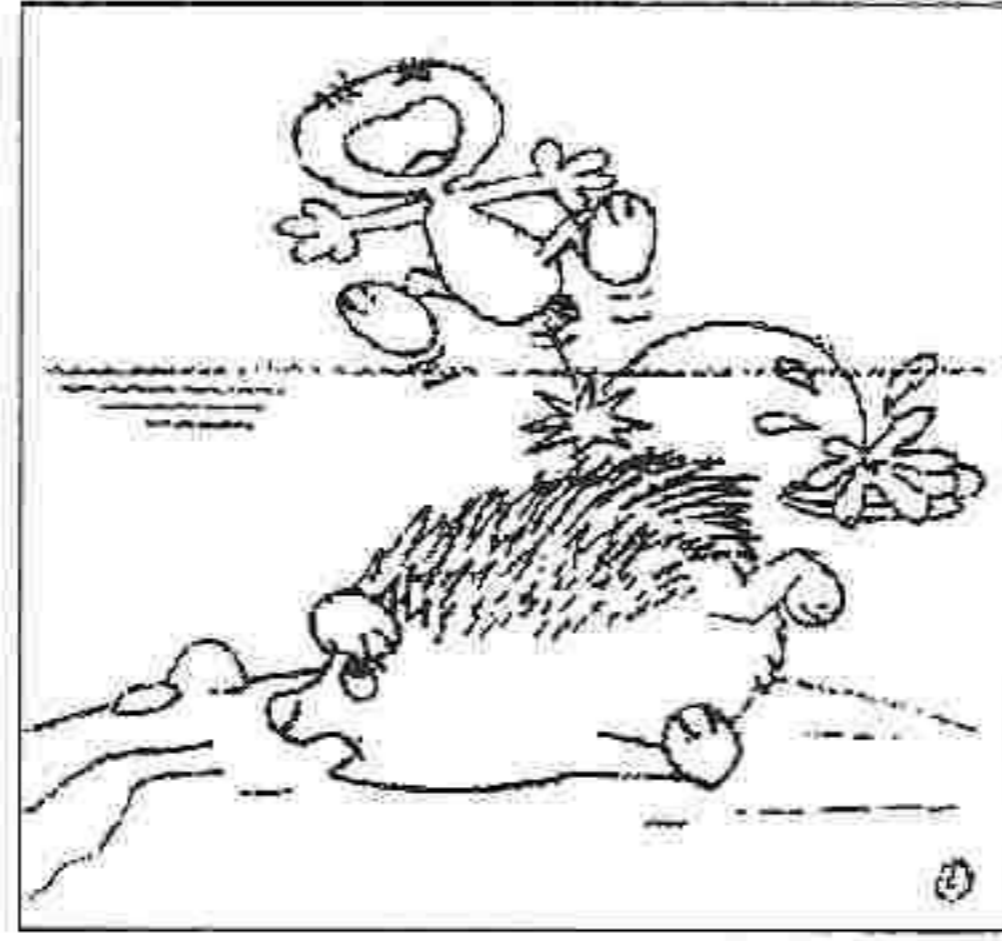
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes: 1953/1992.
- BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SET, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Quíron, 1988.
- CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. **Modelos didáticos de gêneros: questões teóricas e aplicadas**. In: CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Orgs.) **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004.
- DOLME, Vânia. **Técnicas de contar histórias**. São Paulo: Informal, 2000.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs.) **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LOPES-ROSSI, M. A.G. O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos. In: LOPES-ROSSI, M. A. G. (Org.) **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, Pr: Kayguange, 2005.
- MELLO, A. A. Crítica de música: caracterização do gênero para leitura e escrita na escola. In: LOPES-ROSSI, M. A. G. (Org.) **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.
- SARMENTO, Leila Lauar. **Oficina de Redação**. São Paulo: Moderna, 2003.

## NOTA

---

© Trabalho elaborado pelas alunas Ana Queli Tormes Machado e Edineia Franz do curso de Letras/Português da UFSM; participantes do projeto de pesquisa PROLICEN "A pluralidade sociocultural das atividades escolares", orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr. Vera Lúcia Pires, do Depto. de Letras estrangeiras Modernas e membro do Laboratório Corpus.

## ANEXO



## OS PORCOS ESPINHOS

Durante uma era glacial bem remota, quando parte do Globo Terrestre se achava coberto por densas camadas de gelo, muitos animais não resistiram ao frio intenso e morreram.

Morreram indefesos, por não se adaptarem às condições do clima hostil.

Foi então que uma grande manada de porcos-espinhos, numa tentativa de se proteger e sobreviver, começou a se unir, a juntar-se mais e mais. Bem próximos um do outro, cada qual podia sentir o calor do corpo do outro.

E assim bem juntos, bem unidos, agasalhavam-se mutuamente.

Assim aquecidos, conseguiram enfrentar por mais tempo aquele inverno terrível.

Vida ingrata, porém. Os espinhos de cada um começaram a incomodar, a ferir os companheiros mais próximos, justamente aqueles que lhes forneciam mais calor, aquele calor vital, questão de vida ou morte.

Feridos, magoados, sofridos e decepcionados, começaram a afastar-se.

Por não mais suportarem os espinhos dos seus semelhantes, eles se dispersaram.

Novo problema: afastados, separados, começaram a morrer congelados.

Os que sobreviveram ao frio, voltaram a se aproximar, pouco a pouco.

Com jeito e precauções.

Unidos novamente, mas cada qual conservando uma certa distância do outro.

Distância mínima, mas suficiente para conviver sem ferir, para sobreviver sem magoar, sem causar danos recíprocos.

Assim agindo, eles resistiram à longa era glacial. Apesar do frio e dos problemas, conseguiram sobreviver.